

12º Congresso Internacional da Rede Unida

Nome de oficina: Aprendizagem inventiva e pesquisa participativa na formação em saúde

Proponentes:

Adriana Barin de Azevedo (Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Formação e trabalho em saúde - LEPETS UNIFESP-BS)

Viviane Santalucia Maximino (Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Formação e trabalho em saúde - LEPETS UNIFESP-BS)

Facilitadores: Flávia Liberman; Angela Capozzolo; Rosilda Mendes, Harete Vianna Moreno, Virginia Junqueira

Tipo da Oficina: Oficina de Formação

Público Alvo: Profissionais docentes, estudantes da área da saúde e interessados no tema.

Ementa:

Aprendizagem inventiva e pesquisa participativa na formação em saúde

Introdução e Justificativa

O que ensinar? Para que ensinar? Como ensinar?

As questões colocadas por Paulo Freire nas décadas de 1960- 1970 ainda continuam atuais e motivam docentes e profissionais engajados com a melhoria da formação em saúde. Um olhar atento nos mostra que estas três questões são indissociáveis. Cada conteúdo – o que? e forma – como? de organizar o ensino revela visões de mundo e intenções – para que?

A aprendizagem inventiva é uma política cognitiva que aposta em um processo de aprendizagem pautado não pela reconhecimento mas sim pela possibilidade de invenção.

A reconhecimento é um modo de identificar um problema e buscar naquilo que já sabemos, as respostas para este. Trata-se de aplicar uma idéia ou uma teoria. Esta aprendizagem enfatiza o acúmulo de informações e considera a cognição como um aparelho para processamento desta informação. Não há lugar para a surpresa nem para os aspectos afetivos do processo de aprendizagem. As informações vêm de um mundo preexistente e conhecido e o sistema cognitivo opera com regras e representações chegando a resultados previsíveis. O problema está dado e não há espaço para questioná-lo, para imaginar cenários não previstos. Este tipo de formação tem afastado os profissionais da prática clínica, que está repleta de imprevistos e exige profissionais capazes de refletir, julgar e escolher e criar. A Aprendizagem Inventiva ou Formação Baseada na Experiência apoia-se no construtivismo e coloca-se como uma política cognitiva na qual o sujeito é instigado a criar situações e pensamentos ao invés de apresentar respostas a problemas já existentes. Trata-se de uma experiência de percorrer territórios existenciais e de uma escuta e atenção ao usuário pelo próprio deslocamento de um lugar de saber protegido pelo ambiente acadêmico. Formar nesse sentido diz respeito a invenções de saberes e agires que não estão prontos; trata-se de explorar a capacidade de pensar e agir própria a cada estudante, professor, profissional de saúde e usuário através de uma experiência comum. Mas, como favorecer uma aprendizagem inventiva? No meio acadêmico, qual é espaço para fazermos perguntas?

Temos insistido que a pesquisa, no âmbito acadêmico, esteja articulada ao ensino e que seja uma oportunidade de criar novas oportunidades e estratégias de aprendizagem em que a formação se proponha a um diálogo entre universidade e serviços de saúde para construir algo em comum, para ampliar o olhar, a escuta, o tato no cuidado com o usuário,. O LEPETS, Laboratório de Estudo e Pesquisa sobre o Trabalho em Saúde da UNIFESP, BS, está realizando uma pesquisa

junto a 11 unidades da atenção básica de saúde de Santos com o intuito de investigar as redes formais e informais de cuidado. Como método usamos a cartografia que tem nos permitido acompanhar os processos de investigação. Vamos a campo, conversamos com as equipes, escolhemos juntos usuários com os quais conversaremos, voltamos a campo para ler os diários, chamamos as equipes para o grupo de pesquisa. Um vai e vem que tem trazido inúmeras surpresas: quem cuida de quem? Quem está doente nesta ou naquela situação? Isto é mesmo ruim, isto é mesmo bom?

Objetivo

Esta oficina propõe refletir, a partir de alguns analisadores de uma pesquisa sobre a rede de cuidado em saúde, os modos de ensinar e produzir conhecimentos na formação em saúde

Método

Dinâmicas de grupo

Considerações finais

Defendemos que a educação em saúde deve abrir a possibilidade de colocar em questão tudo aquilo que está naturalizado para que a complexidade e a singularidade de cada situação possam ser contempladas. Antes de desenvolver competências e mais do que cobrar informação, é necessário estimular a sensibilidade, a percepção e a criação de outros mundos possíveis.